

I. A NOTÍCIA DE QUE CHEGAM

Uma manhã de finais de Outubro, pouco antes de as primeiras bátegas das intermináveis e impiedosas chuvas de Outono começarem a cair no solo gretado e salino, a oeste da exploração (antes de um mar de lama pútrida tornar intransitáveis os caminhos vicinais e deixar inacessível também a cidade até às primeiras geadas), Futaki acordou ao toque dos sinos. Mais próxima, cerca de quatro quilómetros para sudoeste, junto às antigas terras dos Hochmeiss, erguia-se uma ermida solitária, mas essa não só não tinha sino, como o próprio campanário ruíra durante a guerra, e a cidade estava demasiado longe para que ali chegasse algum som. Além disso, esse repique de sinos, essa revoada de sons triunfais parecia não muito distante («Como se os toques viessem dos lados do moinho...»), mais parecendo que o vento os arrastara até ali. Apoiou-se na almofada para olhar pelo postigo da janela da cozinha, mas, para lá do vidro meio embaciado, banhado no azul da aurora e no eco moribundo das badaladas, a cooperativa mantinha-se silenciosa e impassível: do outro lado, no meio das casas dispersas, somente a cortina da janela do doutor filtrava luz, pois havia largos anos que ele era incapaz de dormir na escuridão. Susteve a respiração para não perder um único, desgarrado e diluído toque, naquele rebate de sinos, porque gostaria de conhecer a verdade («É evidente que ainda dormes, Futaki...»), e por isso qualquer som, por mais ténue e remoto, lhe era necessário. Nos seus lendários passos de felino, coxeou no gélido chão de ladrilhos da cozinha («Mas, então, mais ninguém está acordado? Ninguém ouviu?

Mais ninguém?»), abriu as portadas da janela e debruçou-se. Um ar húmido e glacial vergastou-o, e foi obrigado a fechar os olhos por um instante; por mais que prestasse atenção ao canto de um galo, a latidos lá longe, ao uivar furioso do vento que se tinha levantado minutos antes, tudo se reduzia agora a um silêncio profundo, e só ouvia as batidas surdas do coração, como se aquilo não passasse de um jogo de fantasmas naquela meia sonolência, como se («... alguém me quisesse assustar»). Observou, triste, o céu ameaçador, os restos queimados de um Verão infestado de gafanhotos, e, subitamente, no mesmo ramo de acácia, viu desfilar a Primavera, o Verão, o Outono e o Inverno, como se percebesse a totalidade do tempo, qual engano de farsa que, na esfera imóvel da eternidade, dando a ilusão de atravessar a descontinuidade do caos, e criando a satânica ficção de um percurso em linha recta, fizesse acreditar na inelutabilidade da loucura... e viu-se a si mesmo numa cruz de madeira conjugando berço e caixão, contraindo-se de dor, antes de uma sentença secamente pronunciada o entregar, despojado — sem sinais distintivos, nem identificação —, nas mãos dos lavadores de cadáveres, às risadas dos magarefes, para, sem indulgência, comprovar a verdadeira medida das coisas humanas, e concluir que nenhum caminho o poderia trazer de volta, porque então já devia saber que entrara num jogo com as cartas marcadas, em partida perdida de antemão, a qual lhe roubara o último trunfo, a esperança de um dia poder regressar a casa. Voltou a cabeça para a zona oriental da exploração, cujos edifícios, antes sobrelotados e ruidosos, agora derruíam abandonados, e observou amargamente como os primeiros raios de um sol vermelho e inchado entravam pelas vigas de um telhado desfeito em quinta ao abandono. «Há que decidir de uma vez por todas. Não posso ficar aqui.» Enfiou-se de novo no edredão quente, apoiou a cabeça no braço, sem todavia conseguir fechar os olhos; aqueles toques fantasmáticos apavoravam-no, e mais ainda esse silêncio repentino, essa inquietante mudez, porque

agora sentia que tudo poderia acontecer. Mas nada se moveu, tal como ele permaneceu imóvel na cama, até ao momento em que os objectos silenciosos que o rodeavam se lançaram numa conversa nervosa (o aparador rangeu, uma panela tiniu, deslizou para o seu lugar um prato de porcelana), quando, de repente, voltou as costas ao suor que exalava a senhora Schmidt, tateou o copo de água ao lado da cama e bebeu de um trago. O gesto libertou-o daquele medo infantil; suspirou, enxugou a testa, e como sabia que Schmidt e Kráner só agora deviam começar a reunir o gado, para o conduzirem de Szikes até aos estábulos de Gazdaság², a norte da cooperativa, onde por fim receberiam a paga de oito duros meses de trabalho, e portanto iriam demorar umas boas horas até chegarem, procurou dormir um pouco mais. Fechou os olhos, virou-se de lado, abraçou a mulher, e estava quase a adormecer quando ouviu de novo os sinos. «Por amor de Deus!» Afastou o edredão, mas, no exacto momento em que os pés descalços e nodosos tocaram o chão da cozinha, o som cessou instantaneamente, como se («Alguém tivesse feito um sinal...»)... Curvado, sentou-se na beira da cama, com as mãos cruzadas no peito, e fixou o copo vazio; tinha a garganta seca, doía-lhe a perna direita, e já não se atrevia a deitar-se de novo, nem a levantar-se. «Vou-me embora amanhã, o mais tardar.» Os olhos perscrutaram os diferentes objectos que na desolada cozinha ainda podiam ter uso: o fogão a lenha sujo de gordura e restos de comida queimada, o cesto sem asas em baixo, a mesa com a perna coxa, as imagens sagradas, cobertas de pó, suspensas da parede, confusão de panelas e marmitas amontoadas num canto, junto à porta, e por fim virou-se para a minúscula janela agora afogada em luz, viu os ramos nus da acácia dobrando-se à sua frente, o telhado afundado da casa

² Oposição entre dois universos, aqui em maiúsculas: *szikes* é a terra sódica, salina, isto é, pobre; *gazdaság*, por sua vez, significa riqueza, opulência. (N.T.)

dos Halics, a chaminé derrubada, reparou no fumo que dela saía, e disse: «Pego na minha parte, e é ainda esta noite!... O mais tardar amanhã. Amanhã de manhã.» «Ai, meu Deus!», despertou ao lado, sobressaltada, a senhora Schmidt, e, espavorida, olhava em volta na penumbra, os seios arfando, agitada, mas, ao ver que tudo lhe era familiar, soltou um suspiro de alívio e deixou-se cair novamente na almofada. «Que há: tiveste um pesadelo?», perguntou Futaki. Ainda assustada, a senhora Schmidt fixava o tecto. «Deus do Céu, foi bem pior!», suspirou de novo, e pôs a mão sobre o coração. «É cá uma coisa!... Imagina... Estava eu aqui sentada no quarto... e, de repente, alguém batia à janela. Sem me atrever a abrir, aproximei-me e espreitei pela cortina. Só lhe via as costas, porque ele já puxava pela maçaneta... e uma boca urrava, mas eu não conseguia perceber o quê... tinha a barba por fazer, e os olhos pareciam ser de vidro... era horrível... Então, lembrei-me de que à noite só dera uma volta à chave, mas sabia que era tarde demais para dar uma segunda... e por isso bati rapidamente com a porta da cozinha, mas aí dei-me conta de que não tinha a chave... Comecei a gritar, mas nenhum som me saía da garganta. Depois... não me recordo... porquê ou para quê, mas... de repente vi a senhora Halics à janela, a sorrir, escarvinha... sabes como é quando fazes pouco de alguém?... resumindo, olhava espantada para a cozinha... e então, não sei como... desapareceu... mas nesse instante já o outro dava pontapés na porta lá fora, eu sabia que deitá-la abaixo era uma questão de minutos, e lembrei-me da faca do pão, corri para o aparador, mas a gaveta estava encravada, ainda forcei... parecia-me que ia morrer ali de medo... e ouvi então um grande estrondo da porta que cedia, e alguém vinha já pelo corredor... e eu continuava sem conseguir abrir a gaveta... e ele estava ali, à entrada da cozinha... consegui finalmente abrir a gaveta, agarrei na faca enquanto ele se aproximava, gesticulando... mas não sei... subitamente ele estava deitado ali ao canto, debaixo da janela... ah, sim, e com uma data de

panelas azuis e vermelhas à sua volta, porque tinham voado todas pela cozinha... e senti então que o pavimento se movia debaixo dos meus pés, imagina, e que a cozinha andava como um automóvel... e depois já não sei bem o que aconteceu...», concluiu, e soltou uma risada de alívio. «Estamos bem arranjados!», Futaki meneava a cabeça. «Imagina que eu acordei ao toque dos sinos...» «O quê?!» A mulher fixava-o, assombrada. «Ao toque dos sinos? Onde?» «Ah, isso também gostava de saber. E logo duas vezes, uma a seguir à outra...» Também a senhora Schmidt sacudia a cabeça. «Ainda dás em doido.» «Bem vistas as coisas, se calhar eu também só sonhei», murmurou Futaki, inquieto. «Ouve, hoje vai dar-se qualquer coisa...» A mulher, mal-humorada, virou-lhe as costas. «Dizes sempre o mesmo, já era tempo de acabares com essa história.» Nesse preciso instante, ouviram ranger o portão das traseiras. Olharam-se, assustados. «Só pode ser ele!», sussurrou a senhora Schmidt. «Sinto que é ele.» Futaki ergueu-se, nervoso. «Mas... isso é impossível! Não podem estar já de volta...» «Eu sei lá, se...! Safa-te já!» Ele saltou da cama, apanhou a roupa, escondeu-se rapidamente atrás da porta do quarto e vestiu-se. «A bengala. Deixei a minha bengala lá fora.» Os Schmidt não se serviam deste quarto desde a Primavera. Primeiro, um bolor verde cobrira as paredes, antes de invadir o armário, vetusto mas regularmente polido, onde a roupa, toalhas e lençóis ganhavam mofo, e em algumas semanas oxidara os talheres guardados para as ocasiões solenes, e logo as pernas da grande mesa com a sua toalha bordada se desconjuntaram, seguindo-se os cortinados, que amarelecera, e quando um dia o contador da luz explodiu, mudaram-se de vez para a cozinha, deixando o quarto em poder dos ratos e das aranhas, pois nada mais havia a fazer. Apoiado ao batente da porta, ele pensava em como sair dali sem ser visto; mas a situação parecia desesperada, porque para se escapulir teria de atravessar obrigatoriamente a cozinha, e quanto a sair pela janela, sentia-se demasiado velho para isso, além de que

a senhora Kráner ou a senhora Halics não deixariam de o ver, pois tinham sempre um olho colado ao que acontecia lá fora. Por outro lado, a bengala, se Schmidt a descobrisse, trairia imediatamente a sua presença naquela casa, o que poderia levar a que ele não recebesse o dinheiro que lhe era devido, pois sabia que Schmidt, nesta matéria, não era para brincadeiras, e por isso teria de abalar tal como sete anos antes — pouco depois da campanha de propaganda, dois meses após a inauguração — ali chegara, com as calças esfarrapadas, um casaco desbotado, os bolsos vazios e, para cúmulo, faminto. A senhora Schmidt precipitou-se para o corredor enquanto ele colava o ouvido à porta. «Nada de choraminguices, minha gatinha!», ouviu dizer a Schmidt na sua voz rouca. «Tu fazes o que eu digo. Está claro?» Futaki afogou-se numa onda de calor. «O meu dinheiro.» Sentiu-se apanhado numa armadilha. Mas não havia muito tempo para reflexões, pelo que decidiu escalar a janela, pois «é preciso agir de imediato». Já dera a volta ao trinco da janela, quando ouviu os passos de Schmidt no corredor. «Vai mijar!» Na ponta dos pés, voltou atrás, à porta, e aguçou o ouvido, respiração suspensa. E quando a porta que dava para o quintal se fechou atrás de Schmidt, deslizou com mil cautelas para a cozinha, mediu de alto a baixo uma senhora Schmidt que gesticulava nervosa e, sem ruído, correu para a saída, desapareceu num ápice, é só quando teve a certeza de que o companheiro voltara bateu com insistência à porta, como quem acabava de chegar. «Então, não está ninguém em casa? Schmidt, meu amigo!», gritou numa voz estridente, e de imediato — sem lhe dar tempo de fugir — abriu a porta, já Schmidt saía da cozinha para se esgueirar pela porta de trás, e cortou-lhe a passagem. «Ora, ora!», começou em tom de gozo. «Para que é tanta pressa, amigo?» Schmidt não conseguia balbuciar palavra. «Ora, eu já te digo! Eu vou ajudar-te, amigo, vou ajudar-te, não tenhas medo!», prosseguiu com uma expressão sombria. «Querias fugir com o dinheiro! Não é verdade? Acertei?» E enquanto Schmidt pestanejava,

sem dizer nada, sacudiu a cabeça. «Ora, amigo. Quem haveria de dizer.» Regressaram à cozinha e sentaram-se à mesa, frente a frente. A senhora Schmidt, tensa, afadigava-se junto ao fogão. «Ouve, meu amigo...», começou Schmidt, entarrelado. «Eu posso explicar...» Futaki fez um gesto de desprezo. «Não vale a pena. Já percebi! Diz-me: Kráner também está na jogada?» Relutante, Schmidt assentiu. «Cinquenta-cinquenta.» «Filho da mãe!», rugiu Futaki. «Queriam dar-me a volta.» Baixou a cabeça. Reflectia. «Bem, e agora? Como vai ser?», perguntou. Schmidt abriu os braços, irritado. «Como vai ser? Também entras, amigo.» «O que queres dizer?», quis saber Futaki, e pôs-se a fazer contas de cabeça. «Divide-se por três», respondeu Schmidt a contragosto. «Só que não dás à língua.» «Quanto a isso, não tens nada que recear.» A senhora Schmidt suspirou junto ao fogão. «Perderam o juízo. Julgam que se podem safar assim?» Schmidt, como se não tivesse ouvido, cravou os olhos no rosto de Futaki. «Bem, não podes dizer que a coisa não ficou clara. Mas quero dizer-te mais uma coisa, meu amigo. Tu não me arruínas!» «Já nos pusemos de acordo, não?!» «Claro, não se fala mais nisso!», continuou Schmidt, e a sua voz fez-se suplicante. «Só peço que... me emprestes a tua parte por algum tempo! Apenas um ano! Até nos instalarmos em qualquer sítio...» Futaki explodiu de raiva. «E ainda lamber-te o cu, meu caro amigo?!» Schmidt inclinou-se para a frente, agarrando-se à mesa com a mão esquerda. «Eu nada pediria se tu próprio não tivesses dito antes que nunca mais daqui saías! Para que queres tanto dinheiro? E é somente por um ano... um ano!... Nós precisamos dele, compreende, nós precisamos dele. Com esta meia dúzia de trapos não vou a lado nenhum, nem se pode comprar uma quinta. Dá-me, ao menos, dez, vá lá!» «Isso não é problema meu!», respondeu Futaki, furioso. «Não me interessa mesmo nada. Eu também não quero apodrecer aqui!» Schmidt sacudiu a cabeça com raiva, quase em lágrimas, reiterou o pedido, teimosamente, e cada vez mais impotente, com os cotovelos sobre a mesa da